



# Manifesto

Todo mês de maio celebramos nacionalmente o Dia das Mães.  
O que temos a comemorar?

Ao longo da história da humanidade, em especial nas últimas décadas, as mulheres têm sido unicamente responsabilizadas pelos cuidados dos filhos: quem pariu Mateus que o embale, não é? Assim, deposita-se nos ombros das mulheres as infindáveis obrigações de cuidar, educar, zelar pelas crianças e manter o ambiente doméstico.

Idealiza-se a maternidade de forma romântica, exigindo das mulheres uma performance afetiva muitas vezes incongruente com o que elas realmente sentem. Qual mãe encontra espaço para falar de seu cansaço, de seu desamparo, de sua solidão, de sua invisibilidade? Arriscamos dizer que nenhuma.

A crença no amor materno incondicional, na plenitude da mulher ao se deparar com a maternidade e no instinto materno como base do cuidado com os filhos coloca as mulheres em inúmeras ciladas: cobradas de performar o tal amor materno, se afogam no mar da culpa por não serem quem se espera que elas sejam. E passam a acreditar que são insuficientes, más ou loucas.

Por outro lado, as profissões do cuidado e da saúde pautaram seu olhar para a assistência ao bebê, à primeiríssima infância, como recurso fundamental de promoção à saúde. Porém, contribuíram e reforçaram o desamparo e o adoecimento materno. Como assistir à infância sem antes assistir à mulher? Um bebê sozinho não existe, nos diria Winnicott, ele prescinde de adultos que invistam nele e esses adultos também precisam de cuidado, suporte e investimento. Por isso insistimos: não existe mãe sozinha.

Nesse contexto, as mães têm adoecido. A ansiedade e depressão perinatal são condições de saúde mental prevalentes, são um pedido de socorro para a sociedade.

Num mundo pré-pandêmico, a incidência de depressão pós-parto já acendia sinal de alerta no Brasil e no mundo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), pré-pandemia, a depressão pós-parto atingia cerca de 19,8% das mulheres em países de baixa renda, número esse que saltava para 26% em se tratando do nosso país. Ou seja, estimava-se que 1 a cada 4 mulheres adoecesse mentalmente entre 6 e 18 meses do bebê.

Se o cenário até 2019 provocava em nós, profissionais da saúde mental, um enorme desconforto, com a chegada do COVID-19 e seus desdobramentos, esse sinal não apenas criou um alerta, mas se transformou em ato, em causa, em grito.

O contexto pandêmico - escolas fechadas, isolamento, reduções salariais, fragilização da rede de apoio, conflitos conjugais, desemprego, aumento da informalidade, violência doméstica, aumento da vulnerabilidade social - tem gerado exaustão, solidão, invisibilidade, desqualificação e culpa que vêm se expressando diariamente no interior de muitos lares sob a forma de quadros graves de depressão, ansiedade e, infelizmente, suicídio.

O Maio Furta-cor pretende existir com o intuito de transformar essa avalanche de dor em uma verdadeira onda de cuidado, afeto e de legitimação dos sentidos do materno.

Enquanto não houver mudanças na forma como compreendemos a saúde mental materna e suas vicissitudes e não nos implicarmos ética e politicamente na construção de novos modelos de atenção e assistência, teremos mães, bebês, famílias e uma sociedade profundamente adoecidos.

A ética do cuidado a qual rege nossas profissões aponta para a urgência de expandirmos o alcance da nossa voz. Somos uma psicóloga e uma psiquiatra, especialistas na assistência à saúde mental materna, e nossa causa é promover saúde mental como alicerce de uma mudança paradigmática para uma sociedade menos adoecida.

**Você pode fazer parte dessa causa!** A saúde mental materna importa e é a via privilegiada para um mundo melhor. Vista essa camisa, apoie essa causa, transforme a cultura e o olhar sobre a mulher e a maternidade. Faça parte dessa revolução.

Nicole Cristino Patrícia Pipen